
O espírito Nicolino

Quando estamos quase a começar a tradicional semana das Festas Nicolinas, voltam a colocar-se questões à sua volta, qual o seu rumo no futuro, e muito principalmente qual o seu papel na cidade do presente. Não será de todo mentira que falta conhecimento e preparação a muita gente no que diz respeito a estas Festas, que constituem um património singular no espectro cultural de Guimarães, e que dentro das festividades académicas se constituem como as mais antigas do país. Nem tantas pessoas como isso que vivem este fenómeno, o vivem por dentro, e terão conhecimento de alguns pormenores interessantes. O facto de estas Festas se terem alargado a todas as escolas secundárias de Guimarães, e a crescente adesão popular às Festas, retiraram porventura algum do seu purismo original, mas se isso é verdade, também o é que qualquer tradição ao longo dos tempos vai sendo enformada pela sua prática, e o que interessa aqui é que não se deixe desvirtuar o sentido e o alcance de se ser Nicotina. Cabe pois aqui o dar a conhecer alguns aspectos do esquema organizacional das Festas, e do trabalho de preservação da tradição de que é fiel depositária desde 1961, a Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, tarefa que não é fácil pois é uma herança que remonta a alguns séculos, e para a qual infelizmente não existe documentação histórica bastante. Sem pretender ser exaustivo conviria desde já, focar alguns dos pontos-chave das Nicolinas do presente.

Há uma distinção entre Novos e Velhos Nicolinas, sendo os primeiros os actuais estudantes do ensino secundário vimaranense e os demais os que já o foram. De entre os Novos Nicolinos é eleita anualmente uma Comissão de Festas que procede aos trabalhos preparatórios e angariação de fundos para a realização de alguns números das Festas, já que também cabem aos Velhos responsabilidades na feitura de outros eventos. Logo aqui se pode pôr um problema que tem actualidade, e que geralmente nesta altura tem vindo a lume: A integração dos alunos do Pólo de Guimarães da Universidade do Minho formalmente na realização das Festas, já que a participação individual dos alunos da U.M. tem sido verificada com crescente entusiasmo nos últimos anos. Se como sabemos, existe a citada distinção entre Novos e Velhos, o que seriam os Universitários? Novos por frequentar um estabelecimento de ensino em Guimarães, ou Velhos por já terem abandonado o ensino secundário? A pergunta não é meramente uma abstracção teórica, já que foi criada pela Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, no ano passado, um grupo de trabalho destinado a estudar este problema junto dos interessados, a saber, os representantes das Escolas Secundárias de Guimarães, e os representantes da Associação Académica da Universidade do Minho de Guimarães que se conseguiu reunir por várias vezes na sede da A.A.E.L.G. Tendo eu próprio participado pela Direcção da A.A.E.L.G. verificou empenho da parte de todos, com especial relevo aqui para o Gualberto Freitas da U.M.(ele próprio um Velho Nicolino) que tinha sido quem despoletara o processo na Assembleia Geral Ordinária da A.A.E.L.G. do dia 29 de Novembro de 1991. Foi posto este problema à consideração de todos tentando que a discussão fosse a mais aberta possível. Já antes foi dito que o resultado destas reuniões foi inconclusivo, o que não é bem verdade, já que a conclusão da altura foi a não entrada da U.M. no esquema organizativo das Festas.

Conviria explicar o porquê desta decisão e suas consequências no futuro próximo. Os pressupostos que nortearam estes encontros foram os seguintes, a auscultação dos

representantes das Escolas Secundárias, como tendo sido desde sempre, e ainda o sendo, os efectivos realizadores das Festas Nicolinas. Pensamos na altura que se alguém devia ser respeitado e ouvido em primeiro lugar seriam aqueles que tem emprestado o seu contributo às Comissões de Festas até à data a funcionar, as Escolas. A proposta apresentada e que se pensou ser a mais razoável foi a de que a U.M. teria lugar na Comissão de Festas, durante um período de cinco anos a título experimental, período esse dentro do qual se aproveitaria para promover devidamente as Nicolinas no seio da U.M., e para verificar da justeza da entrada a título definitivo da U.M. nas Festas, as dificuldades começaram então por surgir da parte dos representantes das Associações de Estudantes das escolas secundárias pois colocavam como entraves a essa entrada, não só a falta de preparação da U.M. no assunto, como a existência de festejos académicos próprios da U.M., ainda a inexistência de um vínculo mais forte à cidade por parte dos alunos da U.M. e o mais que provável abandono da cidade no fim de completados os estudos com quebra de ligação às Festas. É evidente que todos estes pressupostos e entraves se foram multiplicando à medida de que se falava de pormenores, desde o traje académico até ao efectivo papel da representação da U.M. dentro da organização das Festas. Foi também evidente que os representantes das escolas secundárias temeram que a U.M. lhes fosse progressivamente ganhando posições de força se entrasse, pois a máquina organizativa e capacidade de mobilização de uns e outros é como se sabe muito desproporcionalmente favorável à U.M. Apesar de todos estes factores poderem ser lidos ao contrário, e de que a entrada da U.M. viesse a contribuir para muitas coisas bastante mais positivas do que negativas, como o seriam sem dúvida o estreitar do vínculo dos seus estudantes à cidade e suas tradições, da mais fácil e maior possibilidade de mobilização de pessoas nos numeras das Festas que não só o Pinheiro, enfim de uma maior participação de todos os estudantes de Guimarães, decidiram as escolas secundárias em contrário. A decisão das escolas secundárias foi respeitada e foi na altura assinado um protocolo de distribuição de lugares pelas escolas secundárias na Comissão de Festas. Isto foi o que se passou, e estou certo que a delegação da U.M. sabe que por parte da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu não existiu qualquer má-vontade dentro deste processo. A este processo pode-se juntar que existe uma deliberação da Assembleia Geral da A.A.E.L.G. que prevê a entrada da U.M. no esquema organizacional das Nicolinas, não prevendo apenas a forma que essa entrada revestiria, essa decisão é ainda anterior a estes encontros. A posição da A.A.E.L.G. é de a seu tempo recomeçar o processo para se ultrapassar as diferenças ainda existentes, pois não é preciso fazer profecias para prever a entrada da U.M., por vias mais ou menos naturais nas Nicolinas em breve. Este problema da entrada da U.M., como alguns outros, radicam também noutra necessidade que às Nicolinas diz respeito, a revisão dos Estatutos da A.A.E.L.G., pois contam já a respeitável idade de 32 anos e estão em alguns pontos desfasados da realidade das Festas de hoje. Há no entanto dados novos nas Nicolinas do presente que convém sublinhar. No decorrer deste ano foi reactivada a Irmandade de S.Nicolau, que já está a trabalhar para a reconstrução da Capela de S.Nicolau, que foi arbitrariamente demolida quando das obras na Colegiada, Irmandade que essa sim, que sempre ligada ao culto do Santo patrono destas Festas, tem história documentada que remonta há três séculos atrás, mais precisamente a 1691, data da sua instauração, Sabemos que os trabalhos que dizem respeito à reimplantação da Capela de S. Nicolau estão a avançar e aguardam-se novos desenvolvimentos a qualquer momento, existe já um projecto e vontade de o concretizar, que é o principal.

Há também um problema que se coloca e é pertinente, que é o da promoção e divulgação das Festas, é um lapso inexplicável não atribuir a importância devida a uma manifestação desta grandeza, e não se compreende que não tenham as Festas Nicolinas lugar de relevo no roteiro Turístico-Cultural da cidade, não se pretende aqui levantar qualquer problema quanto à colaboração com a Câmara Municipal pois, no que lhe tem sido pedido tem respondido sempre favoravelmente, e não há qualquer atrito de parte a parte, pois sendo as Festas auto-financiadas com o apoio da população, não são propriamente umas Festas que deixem de se fazer, com ou sem o apoio camarário, contribuindo assim para uma relação estável. Não deixo contudo de lembrar que apesar de não serem financiadas pelo bolso dos contribuintes

fiscais, não deixam de merecer atenção, pelo seu carácter único, o que em muito poderia promover a cidade, e nem sequer seria tarefa muito onerosa. Cabe aqui uma palavra à imprensa nacional que, manifestamente por ignorância dos factos a descrever, pela inabilidade de aproveitamento imagético de alguns números Nicolinos de inegável espectacularidade, e pela procura de sensacionalismos fáceis, não deu um quadro minimamente aproximado das Festas, refiro-me como é óbvio somente à RTP, já que a imprensa local está por demais informada e tem dado correcta cobertura às Festas. Tome-se tomo exemplo a filmagem do cortejo do Pinheiro do ano passado, onde um lamentável acidente com os bois que transportam o mastro anunciador destas Festas, espicaçados por alguns mentecaptos que tomam essa noite como desculpa para atitudes nada condizentes com o espírito da Festa, colheram alguns participantes, felizmente sem efeitos de maior. A propósito desse acidente, e como a Festa nada mais de relevo tivesse, deixaram de referir a adesão de algumas dezenas de milhar de participantes que se comportam certamente melhor do que na maior parte dos espectáculos onde se reúnem multidões menores, como o futebol. As imagens transmitidas dir-se-ia terem sido escolhidas com requintes de mau gosto, filmadas no início do cortejo, na zona de pior iluminação, e na altura do referido acidente, passaram ao país a sensação de que Guimarães, para além de mal-iluminada é habitada por uma horda de malleitores alcoolizados que se divertem a ver parselhas de bois a investir contra as multidões. Como seria diferente se a imagem fosse a de milhares de tocadores de caixas e bombos a descer até ao Largo Navarros de Andrade, continuando pela Rua de Santo António e Toural, com milhares de espectadores nas ruas e varandas, aí sim em ruas iluminadas e com outra espécie de sensacionalismo bastante mais pela positiva. Que não se leia nisto a negação de excessos cometidos, são conhecidos e inegáveis, mas não são os excessos que caracterizam as Nicolinas e sim a diversidade e riqueza dos seus números que se desenrolam ao longo de uma semana, e que sem qualquer ponta de dúvida, constituem a melhor e maior forma de mobilização da juventude que Guimarães conhece. Nada pode substituir o correcto conhecimento dos assuntos sobre os quais se transmitem notícias sob pena de passar a fornecer informação epidérmica e meros palpites, também se pode frisar que não se pede informação enciclopédica e de profundidade sobre as Nicolinas, mas pelo menos que se respeitem perspectivas mais correctas e menos alarmistas.

As Nicolinas constituem acima de tudo um veículo de confraternização entre Novos e Velhos estudantes, estreitam relações entre gerações como nenhuma outra iniciativa de que tenha conhecimento, fazem com que jovens e menos jovens se ocupem com actividades mais positivas e enriquecedoras, uns e outros participam com empenho na organização das Festas. A Comissão de Festas, exclusivamente composta de jovens estudantes do secundário (ainda), organiza, e tem sido exemplar nisso, o desfile e enterro do Pinheiro, as Posses, as Maçãzinhas, o Pregão (este ano é inclusivamente um aluno do Liceu que o está a escrever, a provar que também aqui existem novos valores), actividades que exigem já um rigor e um esforço organizativo bastante grande, há que contratar com muita gente e constitui até uma primeira abordagem a uma certa perspectiva empresarial e comercial por parte desses jovens. No restante, no espectáculo das Danças de S.Nicolau,, que se realiza todos os anos com grande sucesso e grande adesão popular no Cine-Teatro Jordão (que enche a lotação nessa noite ao contrário de realizações bastante mais caras!) a colaboração entre Novos e Velhos Nicolinos é também um facto, no Baile das Nicolinas também é de registar a presença dos Novos e a alegria que lhe emprestam. Enfim, pelo menos nesta altura podem-se canalizar energias para feitos mais positivos e criativos sem necessidade de campanhas de sensibilização e mobilização de jovens muitas delas forçada, e artificiais. É fácil de perceber porque é que a adesão é grande, o espírito Nicolino é jovem e alegre, e por isso agrada aos jovens de todas as idades, ajuda à união entre pessoas, cimenta amizades, promove reencontros e faz com que pelo menos alguns dias no ano os Nicolinos se sintam mais

próximos uns dos outros e dos demais.

Há muitos anos de boas e inesquecíveis experiências vividas por muitas gerações que sabem o que é ser Nicolino, que é no fundo uma forma de proteger o que de realmente humano temos para partilhar uns com os outros, sem lamechices, sem aproveitamentos, sem peneiras, com alegria, com amizade e com saber viver. Muito há ainda para fazer, muito haveria também para dizer, mas mais do que obras futuras e palavras no presente importa mesmo é participar. Sejam também Nicolinos!

Ricardo Gonçalves

- Director da Associação dos Antigos Estudantes do liceu de Guimarães